

Português – QUESTÕES de 01 a 08

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, utilize apenas o espaço destinado a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 10 pontos)



QUINO. *Toda a Mafalda*. Tradução de Andrea Stahel M. da Silva, et al. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 16.

Nas falas das personagens Filipe e Mafalda, estabelece-se um diálogo reflexivo e questionador sobre dinheiro e cultura. No último quadrinho da tira, uma terceira personagem – Manolito – interfere e expõe uma nova visão.

Faça uma avaliação crítica dos pontos de vista de cada personagem, ressaltando o significado do julgamento das idéias de Filipe como “ingênuas” e “perigosas”.

Questão 02 (Valor: 10 pontos)

UNIVERSIDADE SEM LUZ

A metáfora não poderia ser mais perfeita: por falta de verbas, a universidade ficou sem luz. (...) Por atrasos nos pagamentos, a Light cortou o fornecimento de energia elétrica para diversos prédios da UFRJ, incluindo centros hospitalares.

A associação mais clara entre universidade e luz remonta ao iluminismo (ou filosofia das luzes), o movimento que surgiu na França do século XVIII e que se caracterizava pela confiança no progresso e na razão, pelo desafio à tradição e à autoridade e pelo incentivo à liberdade de pensamento.(...)

Essa matriz de pensamento lançou as bases do racionalismo ocidental contemporâneo, e alguns de seus princípios constituem o núcleo dos direitos políticos das democracias.

Uma universidade sem luz simboliza, portanto, a negação de tudo o que uma universidade deve ser.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 7. ago. 2002. Opinião, p. A 2 . Editoriais.

A partir da associação de ordem subjetiva que constitui a metáfora, identifique os sentidos da palavra "luz" no contexto.

Questão 03 (Valor: 10 pontos)

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. (...) A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um "corpus" definido de valores, fixados na tradição escrita.

Uma variedade lingüística "vale" o que "valem" na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.5 - 7.

Comente o ponto de vista enunciado por Maurizio Gnerre sobre o poder da linguagem, a partir da variedade lingüística representada nas falas da “senhora” entrevistada no texto a seguir:

Como você planta algodão?

— Uai. É igual a mio. Abre a cova e tampa.

A senhora colhe alguma coisa aqui na horta?

— Cói. Cói feijão, cói mio, cói farinha.

Como é que você planta arroz?

— Vai abrino os caminhos com a enxada e a gente vai caminhando.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982. p. 26.

Questão 04 (Valor: 10 pontos)

I.

— Por outro lado, uma casa moderna como é, como a gente pode descrever?

— Como é que a gente pode descrever uma casa moderna. Bem, uma casa moderna... Isso aí vai depender muito do... da pessoa que faz a casa, né, ou que mora na casa, ou que quer a casa. Mas, pelo menos, você já vê que essas casas, por exemplo...Deix'eu ver se eu consigo estabelecer uma
5 – diferença maior entre uma e outra. Não sei se... porque elas são, assim, bem distantes uma da outra, né, a única coisa que existe de semelhante mesmo é que todas têm... (rindo) todas... a gente entra em qualquer uma e sai de qualquer uma delas. Mas a ... a moderna, de qualquer forma, você teria um... uma arquitetura toda moderna... eh ... você vê, por exemplo, o emprego de um material mais novo, você vê portas, por exemplo, do tipo de ... como é que se chama? (risos)

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*: Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994. p. 90.

II.

LINGUAGEM FALADA X LINGUAGEM ESCRITA

Entre as características distintivas mais freqüentemente apontadas entre as modalidades falada e escrita, estão as seguintes:

Fala	Escrita
1. não-planejada	1. planejada
2. fragmentária	2. não-fragmentária
3. incompleta	3. completa
4. pouco elaborada	4. elaborada
5. predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	5. predominância de frases complexas, com subordinação abundante
6. pouco uso de passivas etc.	6. emprego freqüente de passivas etc.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 68. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

Caracterize o fragmento transcrito (I) como representativo de uma das modalidades da linguagem, considerando as diferenças indicadas por Ingedore Koch (II). Identifique pelo menos três características distintivas enumeradas acima e justifique sua resposta .

Questão 05 (Valor: 15 pontos)

I.

(...) O que se pode discutir do poder em Gregório é que ele era um ruído muito alto na sociedade baiana de 1630. **Ele é o marco zero na discussão de uma sociedade brasileira. Discute escancaradamente o poder.**

Existe o Gregório erótico, **mas o Gregório desabrido em relação ao poder é visível. Ele fala mal do governo como e quanto quer.** É degredado para Angola por causa disso. Chegou a dizer que o governador da Bahia era fanchoño [homossexual]. Imagine isso em 1650, numa minicidade colonial.

ANA CAROLINA filma as várias faces do poder. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2002. Folha Ilustrada, p. E 11. Entrevista concedida à Reportagem local.

II.

Toda a cidade derrota
esta fome universal,
uns dão a culpa total
à Câmara, outros à frota:
a frota tudo abarrota
dentro nos escotilhões
a carne, o peixe, os feijões,
e se a Câmara olha, e ri,
porque anda farta até aqui,
é cousa, que me não toca;
Ponto em boca.

Se dizem, que o Marinheiro
nos precede a toda a Lei,
porque é serviço d'El-Rei,
concedo, que está primeiro:
mas tenho por mais inteiro
o conselho, que reparte
com igual mão, igual arte
por todos, jantar, e ceia:
mas frota com tripa cheia,
e povo com pança oca!
Ponto em boca.

A fome me tem já mudo,
que é muda a boca esfaimada;
mas se a frota não traz nada,
por que razão leva tudo?
que o Povo por ser sisudo
largue o ouro, e largue a prata
a uma frota patarata,
que entrando co'a vela cheia,
o lastro que traz de areia,
por lastro de açúcar troca!
Ponto em boca.

Se quando vem para cá,
nenhum frete vem ganhar,
quando para lá tornar,
o mesmo não ganhará:
quem o açúcar lhe dá,
perde a caixa, e paga o frete,
porque o ano não promete
mais negócio, que perder
o frete, por se dever,
a caixa, porque se choca:
Ponto em boca.

MATOS, Gregório de. Décimas. **Obras completas de Gregório de Matos**. Salvador: Janaína, s.d. v. II, p.435-6. (Coleção Os baianos).

No poema de Gregório de Matos (II), identifique os elementos que validem o ponto de vista da cineasta, destacado no Texto I.

Questão 06 (Valor: 15 pontos)

I.

— Sabes que tenho um chapéu lindo? — exclamou de repente Luísa. — Não viste? Lindo!

Foi logo buscá-lo ao guarda-vestidos. Era de palha fina, guarnecido de miosótis.

— Que te parece?

— É um primor!

Luísa mirava-o dando pancadinhas com as pontas dos dedos nas florzinhas azuis.

— Dá frescura — fez D. Felicidade.

— Não é verdade?

Pô-lo com muito cuidado, toda séria. Ficava-lhe bem! Basílio se a visse havia de gostar, pensou. Era bem possível que o encontrassem...

Veio-lhe, sem motivo, uma felicidade exuberante: achava tão delicioso viver, sair, ir à Encarnação, pensar no seu amante!... E toda no ar, procurava pelo quarto as chavinhas do toucador.

Onde tinha deixado as chaves? Na sala de jantar, talvez! Ia ver! Saiu correndo, tontinha, cantarelhando:

Amici, la notte é bella...

La ra la la...

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: FTD, 1994. p. 181-2. (Coleção Grandes leituras).

II.

Em vez de ir ao espelho, que pensais que fez Capitu? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ela, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.

— Levanta, Capitu!

Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro até que ela abrochou os lábios, eu descí os meus, e...

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. (...)

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1999. p. 57.

III.

Pela primeira vez na minha vida, pude sentir-me livremente, integralmente, plenamente fêmea. E ávida. Esta sensação me dá uma vertigem, uma alegria nunca antes experimentada, nem sequer suspeitada. Não quero prender-me a ninguém. Os laços afetivos estabelecem novas modalidades de sujeição. Só espero e desejo a sensação do momento. Basta. Depois? Depois eu penso, depois eu vejo. Apenas hoje me interessa. Fêmea. E ávida. Os meus encontros com o amigo do meu marido têm sido no meu apartamento. Diariamente. O exercício da minha nudez me ensinando mistérios que o meu corpo ignorava. Nunca pude supor que a pele guardasse tantas sensações delicadas e violentas. Os recessos obscuros das profundezas desdobram cada dia novas dimensões desconhecidas. Nesta fase de conhecimento das minhas terras e dos meus mares, já começo a me ressentir da necessidade de sair destas paredes, pisar o chão da rua, descobrir os lugares aonde nunca fui.

CUNHA, Helena Parente. **Mulher no espelho**. São Paulo: Art Ed., 1985. p.116-7. (Coleção As escritoras).

Os fragmentos transcritos evidenciam três personagens femininas: Luísa, Capitu e a protagonista de “Mulher no espelho”. Com base nas obras de onde eles foram extraídos, estabeleça um paralelo entre as personagens citadas, destacando a condição da mulher nos respectivos contextos histórico-sociais.

Questão 07 (Valor: 10 pontos)

I.

RIQUEZAS NATURAIS

Muitos metaes pepinos romans e figos
De muitas castas
Cidras limões e laranjas
Uma infinidade
Muitas cannas daçucré
Infinito algodam
Também há muito paobrasil
Nestas capitánias

ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. 2. ed. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 72.

II.

REVELAÇÃO DO SUBÚRBIO

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 112.

Analise os diferentes modos de sentir, pensar, viver e dizer as imagens do país, representados nos textos.

Questão 08 (Valor: 20 pontos)

I.

— Aqueles quatro não repetem mais! — gritou Leléu irritado. — Que negócio de justiça é esse, que besteira é essa, isso não existe, pode existir no estrangeiro, mas aqui não existe!

— Mas vai ter que existir.

— Mas vai ter de existir... Quem está falando, é a Imperatriz? É a Generala Marechala? Vai criar juízo, menina, tu tá pensando que o céu é perto, mas o céu é longe! Só se tu se mudasse para uma dessas terras que dizem que existem, mas eu não acredito nem nisso, ainda mais tu sendo mulata, quer dizer, preta.

— Não. Vai ter que ser aqui, aqui é que é a minha terra.

— Aqui é que é a minha terra... Qual é tua terra, menina, a tua terra é os terreninhos que eu tenho e vou te deixar e olhe lá, porque mesmo assim, se tu não for esperta, tu acaba sem nada, tem sempre um para querer tomar.

— Não tou falando minha terra nesse sentido, tou falando que aqui é minha terra, nós somos o povo desta terra.

— Disseste bem, disseste muito bem: nós somos o povo desta terra, o povinho. É o que nós somos, o povinho. Então te lembra disto, bota isto bem dentro da cabeça: nós somos o povinho! E povinho não é nada, povinho não é coisa nenhuma, me diz onde é que tu já viu povo ter importância? Ainda mais preto? Olha a realidade, veja a realidade! Esta terra é dos donos, dos senhores, dos ricos, dos poderosos, e o que a gente tem de fazer é se dar bem com eles, é tirar o proveito que puder, é se torcer para lá e para cá, é trabalhar e ser sabido, é compreender que certas coisas que não parecem trabalho são trabalho, essa é que é a vida do pobre, minha filha, não te iluda. E, com sorte e muito trabalho, a pessoa sobe na vida, melhora um pouco de situação, mas povo é povo, senhor é senhor! Senhor é povo? Vai perguntar a um se ele é povo! Se fosse povo, não era senhor.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 372-3.

II.

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte.

NABUCO, Joaquim. In: VELOSO, Caetano. **Noites do norte**. Rio de Janeiro: Universal Music, s.d. 1 compact disc.

Os textos **I** e **II** tematizam a questão da identidade do povo brasileiro. Explique em que sentido eles se aproximam e se distanciam.
